



1

**“HERDEIRO DAS GLORIOSAS TRADIÇÕES DE LUTA DOS HOMENS E MULHERES DA SUA RAÇA”:** A CANDIDATURA DO OPERÁRIO NEGRO JUVENAL SOUTO JÚNIOR À ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE, PELO PCB, NAS ELEIÇÕES DE 1945

**Edinaldo Antônio Oliveira Souza**

**Universidade do Estado da Bahia – UNEB**

**edyaosouza@gmail.com**

## **1. Introdução**

A relação das esquerdas com a questão racial tem sido um tema controverso tanto no campo político quanto na historiografia. Entre setores do ativismo negro e no meio acadêmico é recorrente a acusação de que, historicamente, as esquerdas ignoraram, negligenciaram ou minimizaram a questão racial.

Contudo, algumas pesquisas recentes têm evidenciado que, apesar da falta de centralidade da temática e das nuances conjunturais na abordagem oficial do partido, que podem ser explicadas tanto por limitações de natureza teórica, ideológica e de concepção histórica, setores da intelectualidade, da militância e, inclusive, da direção pecebista não deixaram de reconhecê-la e, por vezes, introduzi-la no debate político (CHADAREVIAN, 2012; ALFONSO; MATOS, 2013; GRAHAM, 2014; SOTERO, 2015; LIMA, 2015).

Em que pesem as importantes contribuições desses estudos para uma compreensão acerca da inserção da questão racial na pauta política das esquerdas, geralmente eles têm privilegiado a perspectiva dos partidos políticos e do ativismo negro e as variáveis conjunturais, não dedicando a mesma atenção às experiências e trajetórias de trabalhadores e sindicalistas negros, que tiveram atuação efetiva na militância partidária e na disputa eleitoral na conjuntura pós-Estado Novo.



No pós Estado Novo, a expressiva participação de operários negros na política partidária e eleitoral tanto estava associada ao contexto da redemocratização e advento de uma “política de massas”, à atuação política do ativismo negro e à admissão da questão racial no discurso e na pauta do Partido Comunista do Brasil (PCB), desde a década de 1930, quanto encontra guarida nas experiências e trajetórias de operários negros nos mundos do trabalho, no ativismo sindical e nos quadros do próprio partido.

À medida que se ampliava, ainda que limitadamente, a presença negra nos espaços sociais e de representação política e reverberava a atuação dos movimentos negros, o problema do preconceito racial tanto ficava, cada vez mais, evidente, quanto ocupava maior espaço no debate político e intelectual, ainda que de forma marginal e atravessado por filtros teóricos e ideológicos e por objetivos programáticos (GUIMARÃES, 2002).

Na Bahia, estado onde as intersecções entre classe e raça demarcavam (e ainda demarcam) as experiências sociais, com desdobramentos evidentes nos mundos do trabalho, a aproximação de operários e ativistas sindicais negros<sup>1</sup> com partidos políticos que manifestavam alguma identificação com as causas sociais e raciais deve ser vista como uma “via de mão dupla”.

Esta comunicação parte do entendimento de que os discursos, as diretrizes e as deliberações de partidos políticos e do ativismo negro podiam ser apropriados por operários e ativistas sindicais negros a partir das suas trajetórias pessoais e experiências sociais. Nessa perspectiva, a trajetória, as memórias e experiências de Juvenal Souto Júnior podem ajudar a entender/explicar a relação de operários e ativistas sindicais negros com a política partidária e eleitoral no pós Estado Novo.

## **2. A questão racial no pós-Estado Novo**

No pós-Estado Novo, a abordagem da questão racial esteve impactada tanto pela teoria da democracia racial quanto pela prevalência da questão de classe sobre a de raça

---

<sup>1</sup> Sem embargo atuais abordagens acerca de identidade racial, essa identificação toma como base a observação de fotografias publicadas em diversas edições do jornal *O Momento*, as trajetórias de vida e as categorias classificatórias utilizadas no censo de 1950.



e pela política de “União Nacional” preconizada pelo PCB, que defendia a aliança do operariado com a burguesia nacional em uma frente ampla de luta contra o nazifascismo, o latifúndio e o imperialismo.<sup>2</sup> Com efeito, a questão racial estava associada ao atraso econômico, ao recente passado escravista, ao latifúndio e à suposta submissão e desorientação do negro, equivocadamente denominados de “resquícios feudais”, cuja resolução passava pela revolução burguesa e pelo desenvolvimento do capitalismo.

Na edição de 13 de maio de 1949, em matéria alusiva aos sessenta anos da Lei Áurea, o jornal pecebista *O Momento*, principal interlocutor do movimento sindical na Bahia no pós Estado Novo<sup>3</sup>, lembrava que a luta contra a escravidão não terminou com a abolição. A matéria destacava o estudo realizado pelo sociólogo norte-americano Donald Pierson, entre 1935 e 1937, que evidenciava as desigualdades entre pretos e brancos nos mundos do trabalho em Salvador (PIERSON, 1945, 241/3). Conforme a folha comunista, mais de uma década após a realização da pesquisa, esse quadro pouco havia se alterado.<sup>4</sup>

Embora os dados apontados na pesquisa evidenciassem a intersecção da desigualdade de classe com a discriminação e o preconceito racial, Donald Pierson identificou na Bahia uma sociedade multirracial, cujo fator preponderante na determinação do “status” não seria “a raça nem a cor, e sim a posse de características sociais relacionadas com a classe” (PIERSON, 1945, p. 31).

Formado na Escola de Sociologia de Chicago, mas influenciado pela teoria da democracia racial no Brasil, Pierson avaliou que as desigualdades de cor se inseriam no contexto geral da sociedade de classes ou de status e explicavam-se pelo passado escravista e pelo recente processo abolicionista. Conforme afirmou, nos sindicatos de

---

<sup>2</sup> Para uma abordagem sobre a linha política do PCB no pós Estado Novo, ver: COSTA, Hélio. **Em busca da memória**: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1995; NEGRO, Antonio Luigi. Um PCB é pouco, dois é bom, três é demais: a participação operária na política do pós-guerra. **História**, n.21, 2002; SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo, Boitempo Editorial/UFRJ, 2001; SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. **Os impasses da estratégia**: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil, 1936 – 1948. São Paulo: Annablume, 2009.

<sup>3</sup> Sobre o jornal *O Momento*, ver: SERRA, Sônia. **O Momento**: história de um jornal militante. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: FFCH/UFBa, 1987.

<sup>4</sup> A LUTA contra a escravidão não terminou com o 13 de Maio. **O Momento**, Salvador, 13 mai. 1949.



4

trabalhadores baianos predominavam “nitidamente as linhas de classe”, as “diferenças raciais” eram “postas de parte”, pois a liderança tendia a ser branca ou quase branca, mesmo nas associações predominantemente de pretos e de mulatos escuros.

Se essa tendência efetivamente prevalecia na época em que foi realizado o referido estudo, uma década depois havia uma crescente participação de trabalhadores negros entre as lideranças sindicais na Bahia. No final do Estado Novo, muitos dos operários que se destacaram no movimento sindical baiano eram pretos e mulatos: o mecânico e líder transviário João Ribeiro dos Passos; os portuários Juvenal Souto Júnior e Cosme Ferreira; os estivadores João Cardoso de Souza, Jaime da Silva Maciel, Aloisio Gomes dos Santos e Manuel do Espírito Santo Gomes; os panificadores Antônio Rosa de Oliveira e Laurindo José de Santana; o empregado na construção civil Benedito Manoel do Nascimento; o tecelão e jornalista Demerval Araújo; o carregador de trapiche Antônio Marques da Luz; o ferroviário Vitório Pita; o gráfico Florêncio Moreira; o artesão Narciso Bispo. Alguns deles traziam em suas experiências e trajetórias a atuação no movimento sindical e participação na política partidária e eleitoral desde o início da década de 1930.



Sindicalistas candidatos a deputados estaduais pelo PCB nas eleições de 1947. (*O Momento*, 20 jan. 1947)

Para esses operários, o curto período de legalidade do PCB representou uma oportunidade de participação política partidária e eleitoral. Alguns deles ocuparam



cargos nos diretórios estadual e municipal do partido e integraram a chapa popular nas eleições para a Assembleia Estadual Constituinte em janeiro de 1947. Outros, incluindo algumas operárias, tiveram a pré-candidatura anunciada pela folha comunista, mas algumas não foram oficializadas.

Diferente da candidatura de Juvenal Júnior em 1945, as plataformas dos candidatos negros que integraram a chapa popular nas eleições estaduais de 1947 não traziam uma referência direta à questão racial, na folha comunista eles foram apresentados como “candidatos do povo”. O líder estivador negro, Jaime Maciel, que não aparece na imagem acima, foi eleito pela chapa popular juntamente com o cabo Giocondo Dias. Como observa Sotero, naquele contexto “o sentido empregado ao termo popular parece carregar aspectos que mobilizavam sentidos relacionados à classe e raça” (SOTERO, 2015, p. 112). As expressões “povo” e “popular” parecem articular as categorias “negro” e “trabalhador”, ou ainda de “povo humilde”, na sua maioria, negro.<sup>5</sup>

Seja como for, a intersecção entre discriminação, desigualdade e preconceito de classe e de raça integrava as trajetórias e experiências desses trabalhadores e sindicalistas negros. As memórias e trajetórias de alguns desses ativistas sindicais, apesar de “seletivas” e de comportar “esquecimentos” (POLLAK, 1989; HALBWACHS, 1990), ajudam a iluminar o universo de experiências e tradições que informavam a sua formação e as escolhas políticas.

### **Juvenal Luiz Souto Júnior: memória, trajetória e experiências**

Candidato à Assembleia Nacional Constituinte pelo PCB, nas eleições de dezembro de 1945, o líder portuário Juvenal Souto Júnior foi apresentado na imprensa comunista como um “legítimo herdeiro das gloriosas tradições de luta dos homens e mulheres da sua raça, os negros da Bahia, que dirigiram ou participaram dos movimentos de 1835 e seguintes contra a opressão e pela igualdade de direitos dos

---

<sup>5</sup> Para uma abordagem da relação dos termos “povo” e “popular” com os sentidos de “negro” e “trabalhador”, ver: RAMOS, Alberto Guerreiro (1957); SANTOS, Joel Rufino. (1996). Ver também: BOURDIEU, Pierre. Os usos do “povo”. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990; Idem. Você disse “popular”? **Revista Brasileira de Educação**, n. 1, p. 16-26, jan-abr. 1996.



6

trabalhadores de cor”.<sup>6</sup> No cômputo das urnas, Juvenal Junior obteve 2.823 votos, ficando como primeiro suplente do deputado Carlos Marighela, único constituinte eleito pelo PCB baiano, com 5.188 votos.

Diferente de Juvenal Júnior, Marighela não era um operário e nem foi apresentado como um candidato negro, embora reconhecesse a sua condição de mulato, filho de mãe negra e pai italiano. Marighela ingressou no PCB no início da década de 1930, quando se destacava no movimento estudantil, enquanto cursava engenharia civil na Escola Politécnica da Bahia. Participou ativamente das lutas políticas que antecederam e sucederam à implantação da ditadura do Estado Novo, conquistando prestígio político no partido e circulação no meio estudantil, intelectual e entre setores do operariado. Acabara de retornar à liberdade após ser preso, pela terceira vez, por motivação política, em 1939 (NOVA; NÓVOA, 1999).

Na fotografia a seguir, Juvenal Luiz Souto Júnior é o terceiro candidato da segunda fileira no centro da imagem, ao lado de Carlos Marighela que aparece em destaque juntamente com Arruda Câmara.

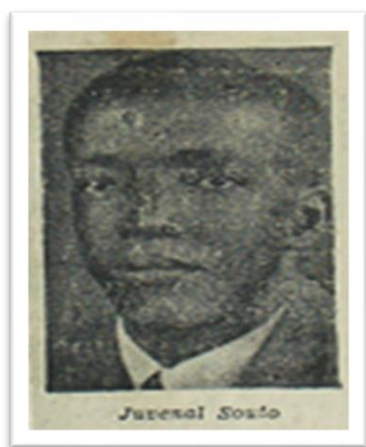


**O Momento**, Salvador, 19 nov. 1945

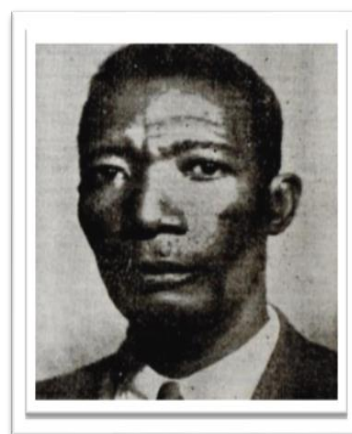
A plataforma política atribuída à candidatura de Juvenal Júnior exaltava as continuidades entre as tradições de luta dos negros contra a escravidão e a opressão na Bahia e as experiências operárias na luta por direitos, articulando-se elementos de raça e classe na conformação de uma identidade operária. O apelo à questão racial encontra

<sup>6</sup> OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte. **Tribuna Popular**. Rio de Janeiro, 22 nov. 1945. Aperi, fundo DPS, C. E. da Bahia, D 885, fl. 316.

correspondência na candidatura de Claudino José da Silva, ferroviário e carpinteiro, negro, líder sindical e membro do Comitê Central do PCB, eleito para a Assembleia Nacional Constituinte pelo Rio de Janeiro. Conquanto não tenha sido eleito, a expressiva votação alcançada por Juvenal Júnior tanto é representativa da sua influência no meio operário e sindical quanto também pode ser indicativa de uma identificação do operariado soteropolitano com uma candidatura negra associada à causa racial.



Juvenal Souto Júnior<sup>7</sup>



Claudino José da Silva<sup>8</sup>

Juvenal Souto Júnior era um ativista sindical desde a década de 1930, que teve atuação proeminente no contexto da redemocratização na Bahia. Nascido no tradicional bairro de Nazaré, em Salvador, alcançou seu primeiro emprego na tipografia do Convento do São Francisco, quando vivenciou a formação do Sindicato dos Operários Gráficos em Salvador, entre 1933 e 1934, tornando-se delegado sindical da oficina tipográfica onde trabalhava.

Em 1936 ele deixou as atividades de gráfico e foi trabalhar nas Docas, filiando-se ao Sindicato de Carregadores de Carga do Armazém do Porto da Bahia, posteriormente enquadrado, por força do decreto-lei nº 1.402 de 1939, com a denominação de Sindicato dos Operários Portuários da Cidade de Salvador. Em 1938, concorreu pela

<sup>7</sup> OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte. **Tribuna Popular**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1945.

<sup>8</sup> PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Claudino José da Silva: negro, operário e comunista. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/11459>. Acesso em: 15 jun. 2023.



primeira vez a um cargo na direção do sindicato, sendo eleito primeiro secretário na chapa encabeçada por Anísio Falcão.<sup>9</sup>

Juvenal participou ativamente da mobilização popular na conjuntura da Segunda Guerra Mundial e teve atuação efetiva na militância sindical e partidária no pós-Guerra. No campo sindical, participou da organização do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), do Segundo e do Terceiro Congressos Sindicais dos Trabalhadores Baianos (em maio de 1945 e maio de 1946, respectivamente). Cessada a intervenção sofrida pelo Sindicato dos Portuários durante o governo Dutra, em 1955 voltou a ocupar o posto de primeiro secretário. Em 1960 foi eleito e posteriormente reeleito presidente, até ser cassado e preso pelo golpe de 1964. Condenado a três anos de reclusão, foi absolvido pelo Superior Tribunal Militar.<sup>10</sup>

No plano partidário, Juvenal integrou a chapa de candidatos classistas à Câmara Estadual em 1934. Foi dirigente estadual e secretário sindical do Comitê Municipal do PCB, em Salvador, candidato à Assembleia Nacional Constituinte em 1945 e integrou a “chapa popular” para o legislativo estadual em 1947.

Entre as reminiscências de suas memórias, Juvenal relembra das atividades de lazer e religiosas promovidas pelo sindicato, a exemplo do time de futebol Portuário Futebol Clube, do clube carnavalesco Filhos do Porto e da missa anualmente celebrada a Nossa Senhora das Candeias, padroeira do Sindicato dos Portuários, em comemoração ao aniversário do grêmio classista.

O líder sindical estivador, Cosme Ferreira também rememora o clube de futebol dos portuários, que participava de uma liga amadora e promovia festas dançantes, e do afoxé “Filhos de Obá”, que desfilava no carnaval. Além da caixa de beneficência, que auxiliava financeiramente os associados em caso de doença.<sup>11</sup> Ferreira foi outra

---

<sup>9</sup> SOUTO JÚNIOR, Juvenal. **Juvenal Souto Júnior (depoimento, 1983)**. Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea (NHODOC) - Acervo do projeto “Memória do Movimento Operário Baiano”, Salvador, UFBA. Depoimento transcrito, 12 fls.

<sup>10</sup> **Idem**. Ver também: OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte, op. cit.; COMITÊ estadual, Comitês Populares e Principais Militantes do Partido Comunista na Bahia. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), fundo DPS, C. E. da Bahia, D 885, fls. 357/63;

<sup>11</sup> FERREIRA, Cosme. **Cosme Ferreira (depoimento, 1983)**. Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea (NHODOC) - Acervo do projeto “Memória do Movimento Operário Baiano”, Salvador, UFBA. Documento transcrito, 24 fls.



importante liderança operária negra que se destacou no movimento sindical no pós-Estado Novo. Foi membro do Comitê Municipal do PCB em Salvador e integrou a “chapa popular” nas eleições para a constituinte estadual em 1947.<sup>12</sup>

No carnaval de 1948, também desfilou o tradicional caminhão do “Comendo Coentro”, organizado por trabalhadores da estiva. Naquele ano, diversos outros pequenos blocos, cordões e afoxés de bairros populares e proletários, como Engenho Velho, Pelourinho, Liberdade, Vila Rui Barbosa, Alto das Pombas, Itapagipe e Borongo, participaram de um concurso de associações carnavalescas promovido pelo jornal *O Momento*.<sup>13</sup>

Em entrevista concedida ao Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea, da UFBA, em 1983, o metalúrgico e líder transviário negro, João Ribeiro dos Passos rememora que, quando trabalhava na Companhia Linha Circular, uma subsidiária da norte-americana *Bond and Share*, o diretor Anísio Massora era odiado pelos empregados por ser “um racista miserável, que não gostava de nenhum preto”.<sup>14</sup>

Em suas reminiscências, João R. dos Passos aponta ainda para permanências de tradições negras nas origens do sindicalismo baiano.<sup>15</sup> Conforme rememora, no início da sua experiência sindical, a linguagem predominante na comunicação das lideranças com as bases assentava-se na oralidade, “no nagô”. O nagô africano, explica: “Era assim, conversa de pé de ouvido. Não havia documento, mesmo porque o nível cultural

---

<sup>12</sup> COMITÊ estadual, Comitês Populares e Principais Militantes do Partido Comunista na Bahia, op. cit.; OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte, op. cit.

<sup>13</sup> “PRETO não é mis laçoi!”. *O Momento*, Salvador, 1 fev. 1948; “O CONCURSO de O Momento será a maior nota do carnaval de 1948”. *Idem*, 4 fev. 1948; “CARNAVAL”. *Idem*, 8 fev. 1948.

<sup>14</sup> PASSOS, João Ribeiro dos. **João R. dos Passos (depoimento, 1983)**. Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea (NHODOC) - Acervo do projeto “Memória do Movimento Operário Baiano”, Salvador, UFBA, 1983. Depoimento transcrito, 57 fls. Ver também: GOMES, José Carlos de S. **A dupla exploração e a discriminação do trabalhador negro nas indústrias petroquímicas e químicas de Camaçari**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1985.

<sup>15</sup> Sobre continuidades entre tradições negras e experiências operárias, ver: SOUZA, Robério S. **Tudo pelo trabalho livre!** Trabalhadores e conflitos no pós-abolição. (Bahia 1892-1909). Salvador; São Paulo: Ed. Ufba; Fapesp, 2011; CASTELLUCCI, Aldrin A. Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930). Salvador: **Afro-Ásia**, n. 41, 2010, p. 85-131; CRUZ, Maria Cecília Velasco. Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905-1930. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 24, 2000, p. 243-290; REIS, João José Reis. **Ganhadores**: a greve negra de 1857 na Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



era baixíssimo, não existia” (referindo-se à cultura letrada).<sup>16</sup> Eis uma dimensão da experiência negra, que pode representar um importante campo de investigação da História Social do Trabalho.

João R. dos Passos participou ativamente do movimento sindical no pós-Estado Novo, foi dirigente do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), integrou a Comissão Permanente do III Congresso Sindical dos Trabalhadores Baianos (1946), a direção da União Sindical dos Trabalhadores Baianos (USTB) e da Associação Geral dos Trabalhadores (AGT). No campo político partidário, foi membro do Comitê Estadual do PCB e um dos candidatos negros que integraram a “chapa popular” nas eleições para a constituinte estadual em 1947.<sup>17</sup>

As experiências e trajetórias compartilhadas por esses operários entrelaçam questões de trabalho, classe e raça que corroboraram a formação de uma identidade operária e informaram as escolhas e práticas políticas. Certamente, eram semelhantes às de tantos outros operários e ativistas sindicais negros que se destacaram naquela conjuntura histórica.

Na edição de 15 de junho de 1946, o jornal *A Tarde* noticiava um princípio de greve no cais do porto de Salvador, motivada por insultos racistas da tripulação do navio espanhol Nafarrete contra operários negros. Segundo o articulista, enquanto colocavam as amarras do navio, o atracador Júlio Neves da Silva e alguns “aguadeiros” teriam sido insultados pelos marinheiros que gritavam: “depressa macacoas!”<sup>18</sup> Em protesto contra a ofensa de conotação racista, os estivadores do porto suspenderam o serviço de descarga e só retornaram aos seus postos após entendimentos intermediados pelo sindicato da categoria.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> PASSOS, op. cit.

<sup>17</sup> Cf. FONTES, José Raimundo. **A Bahia de todos os trabalhadores**. Classe operária, sindicatos e política - 1930-1947. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997; SOUZA, Edinaldo Antonio Oliveira. **Trabalho, política e cidadania: trabalhadores, sindicatos e luta por direitos (Bahia, 1945-1950)**. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

<sup>18</sup> “NÃO foi adiante a greve no cais”. **A Tarde**, Salvador, 15 jun. 1946, p. 2.

<sup>19</sup> A paralisação pode ter sido influenciada também pelo movimento de boicote dos portuários e estivadores a navios espanhóis, que atingiu outros portos brasileiros, em protesto contra o fascismo franquista. (Ver: SILVA, Fernando T. **A carga e a culpa**. Os operários das Docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade (1937-1968). Santos, SP: Hucitec, 1995, p. 114/20).

No início de 1948, a questão racial foi mobilizada pelo PCB contra a cassação do mandato parlamentar do deputado comunista Clarindo Silva, líder operário negro, no Rio de Janeiro. Na Bahia, segundo *O Momento*, durante pronunciamento em defesa de seu mandato, Jaime Maciel, o único integrante negro na Assembleia Legislativa, foi interrompido pelo deputado Osvaldo Pinto de Carvalho (PSD), um “aristocrático neto de senhores de escravos”, que o teria chamado de “negro cínico”, um insulto racista.<sup>20</sup>

Jaime Maciel era uma liderança operária entre os estivadores, que teve atuação destacada no movimento sindical baiano no final da Segunda Guerra. No plano partidário, foi membro do Comitê Estadual do PCB instalado em julho 1945 e elegeu-se deputado estadual constituinte nas eleições de janeiro de 1947, pela “chapa popular”.<sup>21</sup> A ascensão a um importante cargo de representação política não garantia ao operário negro a superação do estigma do preconceito racial.



Jaime Maciel. Fonte: *O Momento*

Para Pinto de Carvalho, um representante das classes patronais, a cassação do mandato de Jaime Maciel representava não somente o expurgo do parlamento da inconveniente participação de um ativista sindical e dirigente comunista, mas também (e

<sup>20</sup> “TRAÍDO pela Câmara, o povo baiano”. *O Momento*, Salvador, 15 jan. 1948, pp. 1, 6; “ALÉM de vendido à Circular, é racista”. *Idem*, Salvador, 15 jan. 1948, p. 1.

<sup>21</sup> COMITÊ estadual, Comitês Populares e Principais Militantes do Partido Comunista na Bahia, op. cit.; OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte, op. cit.; CASSADOS os mandatos dos deputados estaduais comunistas, hoje, de manhã. *Estado da Bahia*, Salvador, 14 jan. 1948, p. 3; CASSADOS os mandatos dos comunistas baianos. *Diário de Notícias*, Salvador, 13 jan. 1948, s/p.; JAIME MACIEL traiu o proletariado. *O Momento*, Salvador, 16 out. 1948, p. 1, 8; O VEREADOR abjurou o comunismo. *Diário de Notícias*, Salvador, 16 out. 1948, p. 3.



talvez principalmente) da incômoda presença de um operário negro. Passados apenas sessenta anos desde a abolição da escravidão, os estigmas do cativo, a discriminação e o preconceito racial continuavam (e ainda hoje continuam) a demarcar os lugares sociais de brancos e negros, ricos e pobres na sociedade soteropolitana. Para os representantes da elite patronal, em grande parte remanescente da elite senhorial, além do anticomunismo era intolerável a participação de empregados e sindicalistas, sobretudo negros, nos espaços públicos de representação política.

A matéria de *O Momento* encontra-se inserida no contexto de radicalização do discurso comunista após a proscricção do registro legal do PCB e perante a cassação dos mandatos parlamentares comunistas. Mas, em alguma medida, também expressa a posição assumida pelo PCB em relação à questão racial, desde a década de 1930, quando o partido (ou setores da intelectualidade e da militância pecebista) passa a reconhecer a existência do racismo e, por vezes, assume mais abertamente uma crítica ao problema, apesar dos limites teóricos de seu quadro analítico para a leitura dos problemas econômicos do país de uma maneira geral.

Naquele mesmo ano, em concurso de marchinhas carnavalescas, promovido por *O Momento*, um bloco carnavalesco da Estrada da Liberdade, tradicional bairro proletário negro em Salvador, deu visibilidade à intersecção das questões de trabalho, classe, raça e política. Segundo a folha comunista, a letra do samba enredo, entoada por cerca de trezentos e cinquenta trabalhadores pretos, afirmava: “Preto não é mais lacaio, preto não tem mais senhor”; “Hoje preto pode ser doutor, Deputado ou Senador”.<sup>22</sup>

A matéria de *O Momento* afirmava que a eleição de um líder operário negro, o empregado na construção civil Claudino José da Silva, como o deputado federal mais votado no Rio de Janeiro, e do estivador Jaime Maciel, “preto também”, para deputado estadual na Bahia, indicava que o povo brasileiro “não tolerava tais preconceitos”. Todavia, o preconceito ainda era alimentado por “certos senhores da burguesia” que continuavam agindo “como se fossem senhores de escravos”, como o Sr. Pinto de Carvalho “que pretendeu insultar o deputado Jaime Maciel, chamando-o de negro”.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> PRETO não é mais lacaio!. *O Momento*, Salvador, 1 fev. 1948, p. 1.

<sup>23</sup> *Ibid.*



Ao mesmo tempo em que reconhece e denuncia o preconceito racial, a folha comunista considera a eleição dos dois operários negros como um indicativo de que o povo brasileiro não tolerava mais o preconceito racial. Aqui, o termo povo parece fazer referência aos populares, aos trabalhadores manuais, predominantemente negros. Na matéria, o racismo é tratado como uma espécie de excentricidade de “certos senhores da burguesia” ou de uma “aristocracia” descendente de senhores de escravos, uma alusão ao discurso pecebista consolidado a partir da década de 1930, que associava a questão racial ao passado escravista, ao latifúndio e à cultura senhorial, que os teóricos pecebistas denominavam equivocadamente de “resquíços feudais”.

Em novembro de 1948, em discurso na plenária da Assembleia Legislativa da Bahia, o deputado trabalhista Joel Presídio afirmou que o pai de uma estudante negra, visivelmente contrariado, teria lhe relatado que o governo do estado estava recrutando “mocinhas de cor”, nas escolas públicas, para servirem de copeiras durante o almoço em homenagem ao presidente Dutra que se encontrava em visita à Bahia. O fato foi noticiado pela folha comunista como um “insulto aos negros”.<sup>24</sup>

Na Bahia, estado onde as mulheres negras sempre representaram uma parcela significativa dos mundos do trabalho e, pelo menos, duas das principais categorias operárias - a têxtil e a fumageira - eram majoritariamente femininas (sem falar dos serviços domésticos e do comércio de rua), a experiência das mulheres trabalhadoras encontra-se marcada pela intersecção do preconceito e da discriminação de classe, gênero e raça aliada à exploração no trabalho. Esse é outro campo fértil de pesquisas na História Social do Trabalho.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> OS HOMENAGEANTES do Sr. Dutra insultam os negros!. **O Momento**, Salvador, s. d.

<sup>25</sup> Ver: SOUZA, Edinaldo A. Oliveira. Mulheres operárias e luta jurídica pela proteção à maternidade em comarcas do Recôncavo baiano (1943-1949). **Revista Cadernos de Pesquisa**. Uberlândia: UFU, v. 24, n.2, jul./dez. 2011, p. 433-455; SARDENBERG, Cecília M. B. [et. al.]. Mulheres e sindicatos: presença feminina no Sindhêxtil-Bahia nos anos 50. In: SARDEMBERG, Cecília M. B.; VANIN, Iole M.; ARAS, Lina, M. B. [Orgs.] **Fazendo Gênero na Historiografia Baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001, pp. 136-160; SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer charutos: uma atividade feminina**. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: FFCH/UFBA, 2001. Para uma abordagem da intersecção de raça, classe e gênero, ver: DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016; STOLKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade?. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 20, pp. 101-117, jun. 1991.



### Considerações finais

O curto período de legalidade do PCB representou uma importante janela aberta à participação de operários negros na política partidária e eleitoral. Sem subestimar a importância dos discursos, das diretrizes e iniciativas tanto do partido quanto do ativismo negro nem as variáveis conjunturais, convém considerar que a aproximação e participação de operários e sindicalistas negros da política partidária e eleitoral representa uma via de mão dupla, cuja explicação precisa levar em conta as trajetórias, experiências e memórias desses sujeitos. Sobretudo na Bahia, estado onde as intersecções entre classe e raça demarcavam (e ainda demarcam) as experiências sociais, com desdobramentos evidentes nos mundos do trabalho.

Numa conjuntura permeável à participação política das “massas”, em alguma medida, os discursos e iniciativas do partido político e do ativismo negro encontraram ressonância na experiência operária. Uma experiência marcada pelo entrelaçamento do preconceito racial com a discriminação social que se evidenciavam nas relações de trabalho. Isso ajuda a explicar a expressiva participação de operários e sindicalistas negros entre os ativistas, dirigentes e candidatos do Partido Comunista do Brasil no pós-Estado Novo.

### Referências bibliográficas

ALFONSO, Daniel; MATOS, Daniel (org.). **Questão negra, marxismo e classe operária no Brasil**. São Paulo: Edições Iskra, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Os usos do “povo”. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Você disse “popular”? **Revista Brasileira de Educação**, n. 1, p. 16-26, jan-abr. 1996.

CASTELLUCCI, Aldrin A. Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930). Salvador: **Afro-Ásia**, n. 41, 2010, p. 85-131.



CHADAREVIAN, Pedro C. Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 255-283, abr. de 2012.

COSTA, Hélio. **Em busca da memória**: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1995.

CRUZ, Maria Cecília Velasco. Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905-1930. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 24, 2000, p. 243-290.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FONTES, José Raimundo. **A Bahia de todos os trabalhadores**. Classe operária, sindicatos e política - 1930-1947. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Bahia e baianos**. Edson Nery da Fonseca (Org.). Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

GOMES, José Carlos de S. **A dupla exploração e a discriminação do trabalhador negro nas indústrias petroquímicas e químicas de Camaçari**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1985.

GRAHAM, Jéssica. A virada antirracista do Partido Comunista do Brasil, a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira na década de 1930. In: DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio S. (org.). **Políticas da raça**: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 283-300.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Classes, raças e democracia**. 34ª ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Aruã S. **Comunismo contra o racismo**: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939). 2015. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NEGRO, Antonio Luigi. Um PCB é pouco, dois é bom, três é demais: a participação operária na política do pós-guerra. **História**, n.21, 2002.



NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge. Genealogias, transversalidades e rupturas de Carlos Marighella. In: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (org.) **Carlos Marighella: o homem por trás do mito**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 35-188.

PIERSON, Donald. **Branços e Pretos na Bahia**: estudo de contato racial. São Paulo/Rio de Janeiro/ Bahia/ Recife/ Pará/ Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1945, p. 241/3.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda., 1957.

REIS, João José Reis. **Ganhadores**: a greve negra de 1857 na Bahia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo, Boitempo Editorial/UFRJ, 2001.

SANTOS, Joel Rufino. D. O negro como lugar. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V (org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1996.

SARDENBERG, Cecília M. B. [et. al.]. Mulheres e sindicatos: presença feminina no Sindtêxtil–Bahia nos anos 50. In: SARDEMBERG, Cecília M. B.; VANIN, Iole M.; ARAS, Lina, M. B. [Orgs.] **Fazendo Gênero na Historiografia Baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001, pp. 136-160.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. **Os impasses da estratégia**: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil, 1936 – 1948. São Paulo: Annablume, 2009.

SERRA, Sônia. **O Momento**: história de um jornal militante. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: FFCH/UFBA, 1987.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer charutos**: uma atividade feminina. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: FFCH/UFBA, 2001.

SOTERO, Edilza Correia. **Representação Política Negra no Brasil Pós-Estado Novo**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.



SOUZA, Edinaldo Antonio Oliveira. **Trabalho, política e cidadania**: trabalhadores, sindicatos e luta por direitos (Bahia, 1945-1950). Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOUZA, Edinaldo A. Oliveira. Mulheres operárias e luta jurídica pela proteção à maternidade em comarcas do Recôncavo baiano (1943-1949). **Revista Cadernos de Pesquisa**. Uberlândia: UFU, v. 24, n.2, jul./dez. 2011, p. 433-455.

SILVA, Fernando T. **A carga e a culpa**. Os operários das Docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade (1937-1968). Santos, SP: Hucitec, 1995, p. 114/20.

SOUZA, Robério S. **Tudo pelo trabalho livre!** Trabalhadores e conflitos no pós-abolição. (Bahia 1892-1909). Salvador; São Paulo: Ed. Ufba; Fapesp, 2011.

STOLKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade?. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 20, pp. 101-117, jun. 1991.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001